

DA SÉRIE
RENEGADE
ANGELS

SYLVIA DAY
Um desejo
selvagem

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

BR
BJ
BI
B1

Copyright © 2012 by Sylvia Day

Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução integral ou parcial em qualquer formato.

Edição publicada de acordo com NAL Signet, um membro da Penguin Group (USA) Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL A Hunger So Wild

FOTOS DE CAPA cherries © Quayside; smoke © Korshenuk

PREPARAÇÃO Gabriela Ghetti

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

Um desejo selvagem / Sylvia Day ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: A Hunger So Wild.
ISBN 978-85-65530-45-3

1. Erotismo 2. Ficção norte-americana I. Título.

13-11739

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoaleitor@editoraparela.com.br

Prólogo

Foram os dedos que acariciavam a curvatura de suas costas que despertaram Vashti de seu sono. Ela se arqueou na direção daquele toque tão familiar com um rugido de deleite, abrindo um sorriso antes mesmo de recuperar plenamente a consciência.

“*Neshama*”, murmurou seu companheiro.

Minha alma. E o mesmo valia para ele no caso dela.

Com os olhos ainda fechados, ela se deitou de costas e se espreguiçou, erguendo os seios desnudos na direção de Charron em uma provocação deliberada.

O toque aveludado da língua dele em seu mamilo a despertou, provocando um suspiro que a fez largar de novo o corpo sobre o colchão. Ela abriu os olhos a tempo de ver os belos lábios de seu parceiro abocanharem o bico enrijecido e produzirem uma sucção longa e profunda. Ela gemeu, sentindo o corpo inteiro responder à atenção do homem a quem devia cada batida de seu coração.

Ela se moveu para agarrar os cabelos loiros e trazê-lo ainda mais para junto de seu peito, mas ele resistiu, o que a fez perceber que ele estava de pé ao lado da cama, e não deitado sobre ela. Quando notou que ele estava totalmente vestido, ela percebeu que a verdadeira intenção por trás daquilo tudo era acordá-la.

Com olhos desejosos, ele observava o corpo nu de Vashti espalhado sobre a cama. As presas que se faziam visíveis em seu sorriso perverso revelavam que ele também tinha ficado excitado com a maneira como decidiu acordá-la.

O coração dela disparou quando viu aquele sorriso. Seu peito começou a ofegar, tamanha a reação que ele despertava nela. Vash havia sofrido uma perda terrível, e ainda sentia pontadas de dor no lugar onde costumavam ficar suas asas decepadas, mas Char tinha sido capaz

de preencher o vazio que se instalou nela depois disso. Ele era tudo para ela, a razão por que se levantava da cama todos os dias.

“Guarde essa disposição para mais tarde”, ele falou com sua voz tremendamente expressiva. “Eu faço questão de saciar esse apetite quando voltar.”

Vash se apoiou sobre os cotovelos. “Aonde você vai?”

Ele ajustou as espadas katanas idênticas que carregava embainhadas nas costas, formando um x. “Uma de nossas patrulhas ainda não voltou.”

“A de Ice?”

“Não comece.”

Ela suspirou, pois sabia que, por mais que Char tivesse investido no treinamento do combatente desaparecido, aquele garoto simplesmente não sabia acatar ordens.

Char deu uma olhada para ela antes de pôr o coldre com a arma na coxa. “Eu sei que você acha que ele não é confiável.”

Jogando as pernas para a lateral da cama, ela falou: “Não é uma questão de *achar*. Isso já ficou provado. E várias vezes”.

“Ele só quer agradecer você, Vash. Ice é ambicioso. Não abandona o posto por pirraça, e sim por considerar que pode ser mais útil fazendo outra coisa. Sempre que surge uma oportunidade de impressionar você, ele tenta aproveitar. Provavelmente deve estar indo atrás de um nômade, ou então espionando os licanos.”

“Se quisesse mesmo me impressionar, ele seguiria suas ordens sem insubordinação.” Ficando de pé, Vash se espreguiçou e suspirou quando seu companheiro foi até ela e acariciou as laterais de seu corpo com as mãos. “E ele está tirando você da nossa cama. De novo.”

“*Neshama*, uma hora alguém ia precisar fazer isso. Caso contrário, eu não sairia da cama nunca.”

Ela o envolveu nos braços e colou seu rosto contra o colete de couro que agasalhava o peito bem torneado do companheiro. Sentindo seu cheiro, ela pensou mais uma vez no quanto ele era precioso. Se pudesse escolher de novo entre suas asas e seu amor por Charron, ela não pensaria duas vezes antes de repetir seu “erro”. A maldição do

vampirismo era um preço que ela estava mais do que disposta a pagar para poder tê-lo. “Eu vou com você.”

Ele apoiou o rosto sobre a cabeça dela. “Torque acha melhor você não ir.”

“Essa decisão não é dele.” Ela se afastou e estreitou os olhos. Torque era o filho de Syre, mas a líder dos lugares-tenentes dos Decaídos era ela. Quando se tratava dos Decaídos e seus lacaios — ou seja, a coletividade dos vampiros —, apenas Syre tinha voz de comando sobre ela. Até mesmo Char era obrigado a acatar suas ordens, o que ele fazia com uma dignidade surpreendente para alguém talhado para liderar, e não para obedecer.

“Ele está tendo um problema com os demônios.”

“Droga. É o tipo de coisa que ele também deveria saber resolver.” Sim, caçar demônios que vitimavam vampiros era função dela. Ninguém era capaz de fazer isso tão bem, mas por outro lado ela não tinha como estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

“É mais uma das enviadas por Asmodeus.”

“Para variar. Droga. Três ataques em duas semanas? Isso é provocação.” Aquilo mudava tudo. Matar um demônio diretamente ligado a um rei do inferno implicava consequências políticas mais sérias. Vash tinha uma reputação que sugeria certa independência — ela poderia agir sem desencadear uma reação semelhante à que viria caso Syre ou seus filhos agissem pessoalmente. E, irritada como estava, o que não faltava era disposição para resolver ela mesma a situação. Eles podiam ter perdido as asas, mas isso não significava que deveriam ser vistos como alvos fáceis ou preferenciais.

Char deu um beijo em sua testa e se desvencilhou de seu abraço. “Antes de escurecer eu já vou estar de volta.”

“Antes de escurecer...?” Uma rápida olhada para a janela do quarto esclareceu tudo. “Já amanheceu.”

“Pois é.” A preocupação no rosto dele era a mesma que devia estar estampada no dela.

Ice não era um Decaído como Vash e Charron. Era um mortal que havia sido transformado, o que significava também que era fotosensível. Por mais que fosse impulsivo por natureza, ele deveria ter

voltado antes de o sol nascer. Àquela altura precisaria ficar entocado em algum lugar até cair a noite ou então ser resgatado por Char, o que acontecesse primeiro. Alguns goles do poderoso sangue de Char seriam suficientes para garantir uma imunidade temporária para que o laçao perdido pudesse voltar para casa.

“Você já parou para pensar”, ela começou, afastando-se alguns passos, “que o ideal poderia ser deixá-lo sair dessa sozinho? Como ele vai aprender se nunca precisa encarar as consequências dos seus atos?”

“Ice não é uma criança.”

O olhar que Vash lançou para ele parecia desafiar claramente aquela afirmação. Ice tinha quase o mesmo tamanho e porte físico de seu comandante, mas não chegava nem perto de ter o mesmo controle de Char, era impulsivo como um menino. “Acho que você está projetando nele características que ele não tem.”

“E eu acho que já está na hora de você começar a confiar no meu julgamento.” A expressão em seu rosto era um sinal de que a conversa poderia terminar em conflito.

Era o tipo de desafio que ninguém mais ousaria fazer a ela, e não só por causa de sua posição na hierarquia dos vampiros. Apesar de ficar irritada, ela gostava daquela disposição de seu companheiro de enfrentá-la sempre que sentia ter razão. Essa maneira de separar o tratamento reservado a ela como oficial superior e como mulher alimentava ainda mais seus sentimentos em relação a ele. A humanidade que ela havia sido enviada para observar estava encontrando ecos dentro dela como nunca antes.

No início de sua paixão por ele, ela não era capaz de determinar. Charron era um anjo Vigia como ela, um dos serafins enviados à Terra para informar o Criador a respeito do progresso dos homens. De uma hora para outra, seu sorriso começou a deixá-la sem fôlego, e a visão de seu corpo musculoso e elegante passou a fazer seu ventre se contrair. Sua beleza sublime — as asas douradas e cor de creme, os cabelos loiros e a pele bronzeada, os olhos azuis faiscantes e penetrantes — deixou de ser apenas uma prova da habilidade do Criador para se tornar uma tentação irresistível a seu desejo feminino recém-despertado.

Esconder tudo isso dele tinha sido difícil, mas ela conseguiu, pelo menos por um tempo, envergonhada demais por demonstrar a mesma fraqueza de um mortal e nem um pouco disposta a tentá-lo com aquele tipo de ideia. Porém, quando ele tomou a iniciativa de seduzi-la, com uma determinação implacável, ela não hesitou em se jogar em seus braços, mesmo sabendo das consequências. Ela não derramou uma lágrima nem soltou um gemido quando os Sentinelas arrancaram as asas de suas costas, transformando-a na Decaída chupadora de sangue que era sua forma atual. Por outro lado, suplicou e implorou por piedade no caso de Charron, e lamentou com choro e soluços a dor de testemunhar a amputação de suas imponentes asas.

O toque da mão dele em seu rosto a despertou de suas reminiscências, fazendo-a se concentrar no homem cujos olhos passaram a exibir o brilho cor de âmbar de um vampiro sem alma. “Para onde você vai”, ele perguntou baixinho, “quando se afasta de mim desse jeito?”

Ela entortou a boca para o lado. “Estava dizendo para mim mesma que é uma estupidez me irritar por causa da sua compaixão e sua disposição para liderar, sendo que eu me apaixonei por você exatamente por isso. E muitas outras coisas.”

Char agarrou com a mão seus cabelos ruivos e levou as pontas vermelhas à boca. “Eu me lembro de você voando, Vashti. Quando fecho os olhos, ainda vejo você com o sol às suas costas, refletindo em suas penas cor de esmeralda. Você era como uma joia para mim, com seus cabelos cor de rubi e seus olhos cor de safira. Olhar para você até me doía. Eu precisava tocar você, sentir o seu gosto, penetrar você para aplacar um sofrimento que se manifestava fisicamente.”

“Vai dar uma de poeta agora, meu amor?”, ela provocou, apesar de seu tom bem-humorado não esconder o fato de que estava emocionada. Ele a conhecia bem demais. Lia seus pensamentos com a maior facilidade. Era sua alma gêmea, refletia o que ela tinha de melhor. Quando ela se mostrava temperamental e obstinada, ele era tranquilo e equilibrado. Se ela se deixava levar pela impaciência e a frustração, ele a acalmava e punha tudo em perspectiva.

“Você para mim é muito mais preciosa e desejável hoje do que naquela época.” Ele encostou a testa de leve na dela. “Porque agora você é

minha. Por inteiro, sem reservas. E eu sou seu, com todos os defeitos que tanto irritam você.”

Ela o agarrou pela nuca e tomou a boca dele em um beijo que fez seus dedos dos pés se curvarem e seu coração disparar.

“Eu amo você”, ela falou com os lábios colados nos dele, agarrando-o com a força que a felicidade de senti-lo tão próximo lhe proporcionava. Às vezes os sentimentos transbordavam, provocavam um nó em sua garganta e eram extravasados na forma de lágrimas de gratidão. Ela ficava até envergonhada com a intensidade de seus sentimentos por Char. Pensava nele quase o tempo todo quando estava acordada, e ele estava presente também em seus sonhos.

“Eu amo você, minha queridíssima Vashti.” Ele agarrou seu corpo desnudo. “Eu sei que você está sendo muito tolerante comigo em relação a Ice, mais do que acha que deveria. Creio que está na hora de ouvir seu conselho e puxar as rédeas dele.”

Essa era outra coisa que ela adorava em Char, seu senso de justiça e sua capacidade de ceder quando era preciso. “Você cuida dele, eu resolvo o problema do demônio para Torque e depois nós sumimos do mapa por uns dias. Estamos trabalhando demais ultimamente. Merecemos uma folga.”

Ele envolveu a garganta dela com a mão de forma carinhosa e sorriu. Com os olhos brilhando de afeição e desejo sexual, ele murmurou: “Com um incentivo como esse, pode ter certeza de que eu irei voltar para casa mais cedo”.

“Vamos ver se Ice vai cooperar para isso. Ele pode ter se escondido em qualquer cu de mundo possível e imaginável.”

Ele ergueu uma sobranceira em cesura, mas depois voltou atrás: “Nada vai ser capaz de me manter longe de você”.

“É bom mesmo.” Ela se virou, roçando de leve o traseiro nele. “Nenhum de nós dois iria gostar se eu precisasse ir atrás de você...”

No início da tarde, Vashti entrou no escritório de Syre trazendo nas mãos uma lembrança de sua mais recente caçada. O líder dos vampiros não estava sozinho, mas mesmo assim ela o interrompeu sem

cerimônias. A mulher que estava com ele era uma das muitas mortais que despertavam em Syre no máximo um interesse efêmero. Não adiantava avisar de antemão — elas só se conformavam que estavam diante de alguém inacessível quando sofriam a rejeição na pele. Ele era um homem fioso, mas sua manifestação física de desejo não significava nenhum sentimento mais profundo. Syre havia sido privado de suas asas por amor, e depois ainda sofreu a perda da mulher por quem tinha aberto mão de ser anjo.

“Syre.”

Ele a encarou com o olhar de soslaio que costumava enlouquecer as mulheres. Estava em pé, de braços cruzados, com o quadril apoiado na estante de livros posicionada atrás de sua mesa. Vestido com um par de calças preto feito sob medida, camisa branca e uma gravata de seda preta, estava elegante e devastadoramente atraente na mesma medida. Seus cabelos escuros e sua pele acobreada lhe conferiam uma beleza exótica e impossível de classificar. Alguns diziam que ele lembrava o tipo do Leste Europeu. Syre havia sido um filho dileto, muito querido pelo Criador. Era por isso, acreditava Vash, que sua queda se deu com uma punição tão severa — ele caiu de um pedestal bem mais alto.

“Vashti”, ele a saudou, com uma voz ao mesmo tempo gutural e afetuosa. “Foi tudo bem?”

“Claro.”

A loira que estava abusando da hospitalidade de Syre olhou feio para Vash, como todas as outras faziam. Elas costumavam confundir a intimidade demonstrada entre os dois com algo mais. A relação entre eles era pessoal e carinhosa, mas não tinha nada de sensual ou romântica. Vash morreria para salvar Syre a qualquer tempo, mas o amor que sentia por ele tinha como base o respeito, a lealdade e o fato de saber que ele também abriria mão da própria vida por ela se fosse preciso.

Ela abriu um sorrisinho compreensivo para a mulher, mas falou de maneira áspera, como sempre fazia: “Não ligue para ele. Pode esperar que ele ligue para você”.

“Vashti”, Syre a repreendeu em um tom ameno. Seu cavalheirismo o impedia de proferir o tipo de discurso direto e reto que evitaria uma série de cenas dramáticas e desagradáveis.

Vash não tinha o mesmo tato. “Ele já teve o que queria com você, e foi divertido, mas não vai haver nada além disso.”

“E você é quem?”, perguntou a loira de tirar o fôlego. “A cafetina dele?”

“Não. O que significa que a puta aqui é você.”

“Já chega, Vashti.” A voz de Syre ressoou como um chicote sendo estalado.

“Como você é ciumenta”, sibilou a loira, com suas belas feições se contorcendo de frustração e mágoa. Aquela demonstração de descontrole não combinava nem um pouco com sua aparência cuidadosamente produzida, com um coque impecável, um chapéu elegante e um terninho justo e feminino. “Não se conforma por ele estar comigo.”

Infelizmente para ela, a verdade nesse caso era o contrário. Vash abriria mão de qualquer coisa, com exceção de Charron, para ver seu comandante feliz de novo. Caso achasse que faria alguma diferença, ela diria que eles formavam um lindo casal — a loira com ares de realeza e o imponente príncipe moreno. No entanto, o coração que a esposa mortal de Syre havia despertado morreu junto com ela.

“Estou tentando evitar que você se humilhe ainda mais”, Vash explicou com a maior calma possível.

“Vai se foder.”

“Diane”, Syre falou em um tom de voz bem firme, endireitando-se e segurando-a pelo cotovelo. “Sinto muito terminarmos nossa prazerosa convivência de maneira tão brusca, mas eu não posso permitir que você fale com Vashti dessa maneira.”

Os olhos azuis de Diane se arregalaram, e sua boca se escancarou. Ela foi seguindo aos tropeções atrás dele enquanto era removida da sala. “Mas ela pode falar comigo como quiser? Como assim?”

Quando Syre voltou, já sozinho, as belas feições de seu rosto estavam contorcidas em uma expressão sombria. “O seu humor está péssimo hoje”, ele se limitou a dizer.

“Eu acabei de poupar você de mais uma semana de encheção de saco. Não precisa agradecer. E você sabe muito bem que está precisando de uma amante.”

“As minhas necessidades sexuais não são da sua conta.”

“Mas a sua sanidade mental sim”, ela rebateu. “Encontre alguém de cuja companhia você goste e mantenha uma relação com ela. Deixe que ela cuide um pouco de você.”

“Eu não estou interessado nesse tipo de complicação.”

“Não precisa ser nada muito complicado.” Ela sentou em uma das cadeiras diante da mesa, alisando com as mãos as calças cáqui. “Estou falando de uma relação bem resolvida. Não que eu entenda desse tipo de coisa, mas existem mulheres que fazem sexo só por diversão. Basta arrumar uma casa bonita para elas e pagar uma boa mesada.”

Syre sacudiu a cabeça. “Você está *mesmo* querendo virar a minha cafetina.”

“Talvez você esteja precisando de uma.”

“Fico ofendido só de pensar em transar com uma mulher que se sinta obrigada a dar para mim por causa de um acordo comercial.”

Ela arqueou as sobrancelhas. “Não existe mulher nenhuma neste mundo que não daria para você de bom grado.” Nem mesmo ela, que já tinha encontrado o amor de sua vida, estava imune ao *sex appeal* de Syre. Sua capacidade de provocar impacto nunca se extinguia. Ele era sensual, sedutor, hipnótico.

“É melhor mudarmos de assunto.”

“Não é, não. Você precisa de uma mulher para ser sua companheira, Samyaza.”

O uso de seu nome de anjo conferiu à conversa um ar de seriedade. Ele estreitou os olhos e sentou em sua cadeira atrás da mesa. “Não.”

“Eu não disse um *amor*, e sim uma *companheira*. Alguém para fazer seu café da manhã do jeito como você gosta. Alguém para ficar vendo tevê em casa. Você sabe, alguém com quem tenha intimidade e que saiba cuidar de você.”

Ele se inclinou para trás, escorou os braços nos apoios da cadeira e juntou os dedos. “Já me perguntaram sobre isso mais de uma vez, pedindo para eu explicar qual era a minha relação com você. Eu nunca encontrei uma boa resposta. Você é minha tenente, mas é muito mais que uma subordinada. Somos mais que amigos, mas eu não vejo você

como uma irmã. Eu sinto amor por você, mas nós não somos apaixonados um pelo outro. Eu admiro a sua beleza tanto quanto qualquer homem, mas isso não envolve nenhum tipo de atração sexual. Você é a mulher mais importante da minha vida, me sinto perdido sem você, mas nunca pensei em termos uma vida juntos. Qual é a minha relação com você, Vashti? O que dá a você o direito de se envolver em assuntos assim tão pessoais?”

Ela franziu a testa. Categorizar o que havia entre eles era algo que ela nunca tinha feito. Para Vash, sua relação com ele simplesmente... era. Em diversos sentidos, ela se sentia como uma espécie de extensão dele.

“Eu estou nas suas mãos”, ela respondeu por fim, e jogou para ele o objeto que trazia consigo.

Ele o apanhou com perícia, demonstrando reflexos ágeis e afiados. “O que é isso?”

“Metade de um talismã que eu arranquei da serva de Asmodeus. Deixei a outra metade na pilha de cinzas em que ela se transformou quando a matei. Quando estava inteiro, tinha o selo de Asmodeus.”

“Ele vai pensar que isso é uma provocação.”

Vash sacudiu a cabeça. “Três ataques em duas semanas? Isso não é coincidência. Ele deve ter dado a permissão, se não a ordem, para que seus comandados mexessem conosco. Somos uma espécie de brinde... anjos que podem ser descartados como lixo.”

“Nós já temos inimigos suficientes.”

“Não, o que temos são carcereiros... os Sentinelas e seus cachorros licanos. Os demônios só vão se tornar nossos inimigos se não tomarmos uma providência em relação a eles. Precisamos deixar isso bem claro.”

“Não é esse rumo que eu quero que as coisas tomem.”

“É, sim. Foi por isso que você me encarregou de resolver esses problemas com os demônios.” Ela cruzou as pernas. “Você pode até acenar uma trégua com uma das mãos, mas com a outra, que sou eu, está colocando todos eles em seu devido lugar.”

Uma confusão no corredor fez com que ela ficasse de pé em um pulo. Vash se deslocou até a porta com uma velocidade sobrenatural, chegando à frente de Syre por um milésimo de segundo.

O que ela viu a seguir fez seu sangue congelar.

Raze e Salem estavam carregando para dentro um corpo bastante familiar, abrindo caminho para a sala de jantar, onde ele foi depositado em uma mesa comprida e oval.

“O que aconteceu, caralho?”, ela gritou, entrando na sala e vendo o corpo inerte de Ice. A pele do laçao estava carbonizada em algumas partes, e coberta de bolhas pelo corpo inteiro. O sangue encharcava a camiseta e a calça jeans até a altura joelho. Os rasgos nas roupas revelavam as marcas das patadas dos lupinos.

A mão dele se moveu com uma velocidade fenomenal, agarrando-a pelo pulso. Ele abriu os olhos injetados de sangue. “Char... ajuda...”

Por um momento, a sala toda começou a rodar, mas logo em seguida tudo ficou mais nítido, ganhando uma clareza impressionante. “Onde?”

“No velho moinho. Licanos... Ele precisa de ajuda...”

Vash apanhou uma das lâminas embainhadas nas costas de Raze, deu meia-volta e saiu correndo na direção do pôr do sol.

1

Elijah Reynolds estava nu sobre uma rocha no meio do bosque que cercava o lago Navajo, vendo seus sonhos queimarem com as instalações logo abaixo. Uma fumaça acre e escura se elevava no ar em colunas espessas que podiam ser vistas a quilômetros de distância.

Os anjos saberiam que uma rebelião havia começado muito antes de chegarem às ruínas de suas construções.

A seu redor, licanos gritavam e comemoravam com alegria, mas Elijah não compartilhava desse sentimento. Ele se sentia morto por dentro, observando a vida que tinha levado até ali ser reduzida a cinzas junto com o lugar que costumava ser seu lar. Só havia uma coisa que ele sabia de fato fazer: caçar vampiros. E só podia se dedicar a isso porque trabalhava para os Sentinelas — a elite dos anjos guerreiros. A servidão advinda desse fato, apesar de incômoda, era para ele um pequeno preço a pagar para poder fazer aquilo que amava. No entanto, pouquíssimos licanos pensavam como ele, o que ficou bem claro no rumo que as coisas tomaram. Tudo o que importava para Elijah estava perdido, e o que restava era uma batalha pela independência na qual ele não estava disposto a investir.

Por outro lado, o que estava feito não podia ser mais desfeito. Ele teria que conviver com aquilo.

“Alfa.”

Elijah cerrou os dentes ao ser chamado por uma designação que nunca quis. Ele encarou a mulher nua que se aproximava. “Rachel.”

Ela baixou os olhos.

Ele esperou que ela falasse, e então percebeu que ela estava fazendo o mesmo. “*Agora* você quer ouvir o que eu tenho a dizer?”

Ela pôs as mãos para trás e abaixou a cabeça. Irritado pela falta de convicção da parte dela, Elijah virou a cara. Ele tinha dito que uma

rebelião seria suicídio. Os Sentinelas os caçariam um a um, eles seriam aniquilados. O único propósito da existência dos licanos era servir aos anjos — caso não fizessem mais isso, não teriam por que continuar no mundo. Mas ela se recusava a ouvir. Ela e Micah, seu parceiro — e melhor amigo de Elijah —, tinham incitado os demais a cometer aquela demonstração ostensiva de pura estupidez.

Ele sentiu a aproximação de um licano macho antes mesmo de enxergá-lo. Ao virar a cabeça, Elijah viu um lobo de pelagem dourada aparecer e se transformar em um homem alto e loiro.

“Eu resolvi seguir meu instinto de autopreservação, Alfa”, disse Stephan.

Isso confirmou a suspeita de Elijah de que alguns licanos haviam fugido da batalha sem parar para pensar nos dias terríveis que certamente viriam. Ou talvez alguns deles, mais espertos, tenham voltado para os Sentinelas. Ele não os condenaria nesse caso.

“Montana?”, perguntou Rachel, esperançosa.

Elijah sacudiu a cabeça, lembrando a si mesmo da promessa de cuidar dela que havia feito a Micah no leito de morte. “Nós nunca conseguiríamos chegar tão longe. Os Sentinelas nos alcançariam em questão de horas.”

Uma Sentinela tinha fugido no meio do conflito, abrindo suas asas azuis para voar para longe e comunicar os demais sobre a rebelião. O restante ficou para lutar, mas as pontas afiadas de suas asas não eram suficientes para oferecer proteção contra a numerosa matilha do lago Navajo, que já vinha precisando de cortes fazia meses. Em desvantagem numérica, os Sentinelas entraram em uma luta até a morte, cientes de que era essa atitude que Adrian, seu capitão, esperava deles. Durante as semanas em que foi membro da matilha de Adrian, Elijah pôde testemunhar com os próprios olhos o nível de comprometimento e obstinação do líder dos Sentinelas. Apenas uma coisa era capaz de fazer Adrian perder o foco, e nem mesmo ela conseguia atenuar seu instinto matador.

“Existe uma rede de cavernas interligadas perto de Bryce Canyon.” Elijah se virou para ver as instalações do lago Navajo pela última vez. “Vamos nos esconder por lá até nos organizarmos melhor.”

“Cavernas?”, questionou Rachel, fazendo uma careta.

“Isso não foi uma vitória, Rachel.”

Ela se encolheu ao sentir toda a fúria na voz dele. “Nós estamos livres.”

“Nós éramos caçadores, e agora somos a caça. Isso não é progresso nenhum. Nós só nos aproveitamos de um momento de fraqueza dos Sentinelas. Eles estavam em desvantagem de vinte para um, foram pegos de surpresa e estavam sem Adrian, que está atolado até o pescoço com problemas sérios, fora de combate. O que aconteceu aqui não foi o começo de nada, nós queimamos nosso único cartucho.”

Rachel jogou os ombros para trás, projetando seus seios pequenos para a frente. A nudez não significava nada para os licanos — pele, pelagem, para eles dava no mesmo. “Nós aproveitamos nossa oportunidade.”

“Sim, aproveitaram. E agora vão precisar confiar em mim para lidar com as consequências.”

“Era isso que Micah queria, El.”

Elijah suspirou e sentiu sua raiva ser engolfada por um sentimento de tristeza e luto. “Eu sei o que ele queria, uma casa em um bairro de classe média, um emprego convencional, conviver bem com os vizinhos, passear com as crianças. Eu faria qualquer coisa para realizar esse sonho... para proporcionar aos demais licanos a chance de querer o mesmo. Mas é impossível. Nisso eu já fracassei antes mesmo de começar, porque na verdade nunca tive chance nenhuma.”

Eles não faziam ideia do quanto aquela impossibilidade de sucesso o fazia sofrer. E ele nunca diria. Só o que podia fazer era tentar manter vivos aqueles que dependiam dele.

Elijah olhou para Stephan. “Precisamos mandar emissários para as outras matilhas. De preferência casais.”

Os casais fariam de tudo para evitar a morte de seus pares. Em uma situação como aquela, em que seriam caçados e estariam afastados da matilha, era preciso contar com toda a colaboração disponível.

“Notifique o máximo possível de licanos”, ele continuou, fazendo movimentos circulares com o ombro para aliviar a tensão no pescoço. “Adrian vai cortar a comunicação de todas as matilhas, celulares, inter-

net, correio. As equipes vão ter que cumprir a missão pessoalmente, cara a cara.”

Stephan balançou a cabeça. “Pode deixar.”

“Todos precisam sacar seu dinheiro antes que Adrian mande congelar as contas.” Como em teoria os licanos eram empregados da empresa aérea de Adrian, a Mitchell Aeronáutica, seus vencimentos eram depositados em uma cooperativa de crédito sobre a qual o Sentinela detinha controle total.

“A maioria já fez isso”, Rachel falou baixinho.

Pelo menos nisso ela tinha pensado com antecedência. Elijah mandou que ela reunisse os demais, e então se virou para Stephan. “Preciso de dois licanos dos mais confiáveis para uma missão especial: encontrar Lindsay Gibson. Preciso saber onde ela está, e como está.”

Stephan arregalou os olhos diante da menção à namorada de Adrian.

Elijah precisou lutar contra a vontade de ir pessoalmente atrás de Lindsay, uma mortal que ele considerava uma amiga, a única que tinha no mundo depois da morte de Micah. Em diversos sentidos, ela era um mistério. Havia entrado na vida dele sem aviso, realizando proezas de que nenhum humano era capaz, e monopolizando as atenções do líder dos Sentinelas de uma maneira que Elijah nunca tinha visto.

Ao contrário dos Decaídos, que perderam as asas por confraternizar com os mortais, os Sentinelas eram anjos acima de qualquer suspeita. Os pecados da carne e os caprichos das emoções humanas estavam bem distantes das alturas que eles habitavam. Elijah nunca tinha visto um Sentinela mostrar nem uma faísca de desejo ou interesse... até que Adrian pusesse os olhos sobre Lindsay Gibson e tomasse posse dela com uma ferocidade que surpreendeu a todos. O líder dos Sentinelas protegeu a vida dela com mais empenho do que a sua própria, designando Elijah para cuidar da segurança de Lindsay mesmo sabendo que ele era um raro caso de licano alfa, que costumavam ser sistematicamente removidos das matilhas.

Foi durante o período em que se encarregou da segurança de Lindsay que a amizade entre eles surgiu. A camaradagem inicial cresceu a ponto de eles arriscarem a própria vida um pelo outro. *Eu levaria*

um tiro por você, ela falou para ele certa vez. Não era todo mundo que tinha amigos assim. Elijah certamente não tinha. Ele podia até ter se tornado o Alfa de sua matilha, mas jamais deixaria de se preocupar com Lindsay. Ela havia desaparecido debaixo das vistas dos Sentinelas, e ele só descansaria quando soubesse que estava tudo bem.

“Quero que a segurança dela seja garantida”, disse Elijah, “custe o que custar.”

Stephan balançou a cabeça afirmativamente. Essa obediência sem questionamentos fez com que surgisse pela primeira vez dentro de Elijah a esperança de que eles tivessem alguma chance de sobreviver no fim das contas.

“Que maravilha.” Vash olhou para o traje de proteção em suas mãos e sentiu um frio na barriga.

A Dra. Grace Petersen coçou um dos olhos com a mão fechada. “Nós não sabemos ao certo como a doença é transmitida. É melhor prevenir que remediar, acredite em mim. Melhor não arriscar.”

Enquanto vestia o traje, Vash tentou espantar o pânico que surgia em sua mente. Ela se concentrou em tentar reviver o distanciamento e o estado mental de quando vivia na Terra como uma Vigia. Fazia tempo que ela não agia sem a beligerância que aprendeu a cultivar como vampira, mas aquela era uma batalha que não poderia ser travada com as presas e os punhos.

“Você tem muita coragem, Gracie”, ela falou pelo microfone no capacete.

“Olha quem fala, a mulher que enfrenta oponentes da altura de ônibus de dois andares.”

Já aparamentadas, as duas entraram na antessala hermeticamente fechada da área de quarentena e, depois do acendimento da luz verde, tiveram o acesso à sala interna liberado. Lá dentro, um homem estava deitado em uma maca como se dormisse, com as feições relaxadas e em repouso. Apenas as sondas intravenosas nos braços e a respiração rasa e acelerada denunciavam que estava doente.

“O que estão dando para ele?”, perguntou Vash. “É sangue?”

“É uma transfusão, sim. E ele está sendo mantido em um coma induzido.” Grace olhou para Vash através da viseira do capacete com uma expressão cautelosa e austera. “O nome dele é King. Quando era mortal, chamava-se William King. Era meu principal assistente até esta manhã, quando foi mordido por um dos vampiros infectados que capturamos ontem.”

“E a infecção é assim tão rápida?”

“Depende. De acordo com os resultados preliminares das pesquisas de campo, alguns vampiros são imunes. Outros demoram semanas para começar a exibir sintomas. Já outros, como King, sucumbem em questão de horas.”

“E quais são os sintomas, exatamente?”

“Apetite voraz, agressividade desmedida e uma tolerância à dor acima do normal. Eles estão sendo chamados de espectros.”

“Por quê?”

“Eles são apenas sombras do que costumavam ser. Estão lá e ao mesmo tempo não estão. A mente e a personalidade estão aniquiladas, mas o corpo permanece em atividade. Aqueles que eu consegui manter vivos por mais alguns dias iam perdendo pigmento e melanina no cabelo e na pele. Até as íris dos olhos ficam cinzentas. E veja só isso.”

Grace afastou a franja da testa de King com um movimento suave da mão trêmula. “Desculpa, amigo”, ela murmurou e apanhou um aparelho com fio que parecia um leitor de código de barras. Agarrando o pulso do paciente, ela direcionou o dispositivo para seu antebraço e ativou uma luz pálida. Raios ultravioletas.

Vash se inclinou para perto, examinando a pele sob a luz. Ela começou a estremecer, como se o músculo logo abaixo estivesse tendo um espasmo, mas esse era o único sinal de reação ao estímulo. “Putá merda. Tolerância a raios UV?”

“Não exatamente.” Grace desligou o dispositivo e o deixou de lado. “Não existe nenhuma imunidade de fato, os tecidos ainda estão queimando. A diferença é que eles se regeneram em uma velocidade aceleradíssima. As células danificadas se restabelecem assim que são destruídas. Por isso não há nenhum dano visível ou permanente. Eu fiz esse mesmo teste com outros dois pacientes, com o mesmo resultado.”

Elas trocaram olhares.

“Não existe motivo para empolgação”, murmurou Grace. “É a renovação celular que está causando todos os outros sintomas. O apetite insaciável vem da necessidade de suprir o gasto descomunal de energia necessário para a regeneração. A agressividade vem da fome, do fato de estar desesperado para comer o tempo todo. E a tolerância à dor é porque eles não conseguem se concentrar em mais nada além da necessidade de se alimentar. Eles não conseguem nem pensar, ponto final. Você já viu um espectro em ação?”

Vash sacudiu a cabeça.

“Eles são como zumbis em uma espécie de frenesi. As atividades cerebrais mais sofisticadas são substituídas pelo instinto puro e simples.”

“A transfusão é porque ele vai morrer se não receber um fluxo contínuo de sangue?”

“Eu aprendi isso da pior maneira. Depois de sedar dois capturados, já que não dá para chegar perto deles enquanto estão acordados, eles se liquefizeram. O metabolismo ficou tão acelerado que eles praticamente digeriram a si mesmos. Viraram uma gosma. Uma cena nada bonita.”

“É possível que Adrian tenha desenvolvido essa coisa em um laboratório qualquer?” O líder dos Sentinelas comandava a unidade de elite de serafins responsável por amputar as asas dos Caídos. Usando os licanos como cães pastores, Adrian pôde impedir que os vampiros se expandissem na direção das áreas mais populosas. O resultado disso era uma escassez territorial e um aperto financeiro constante.

“Tudo é possível, mas eu não chegaria a esse ponto.” Grace apontou para King. “Não imagino que Adrian pudesse fazer isso. Não é o estilo dele.”

Para dizer a verdade, Vash também não. Adrian era um guerreiro nato. Se estivesse atrás de briga, iria querer que ela fosse resolvida mano a mano, cara a cara. Por outro lado, ele tinha muito a ganhar se a comunidade dos vampiros minguasse até desaparecer. Sua missão estaria concluída, ele poderia deixar o planeta — junto com toda a dor, o sofrimento e a imundice. Isso se ele ainda quisesse ir depois de conhecer Lindsay, que não poderia acompanhá-lo.

Atenuando o tom de voz, Vash expressou sua solidariedade. “Sinto muito pelo seu amigo, Gracie.”

“Me ajude a descobrir uma cura, Vash. Me ajude a salvá-lo, e os outros também.”

Era por isso que ela tinha ido até lá, a mando de Syre. Os casos da doença estavam se espalhando pelo país, e com uma rapidez que logo seria suficiente para configurar uma epidemia. “Do que você precisa?”

“Mais pacientes, mais sangue, mais equipamento, mais pesquisadores.”

“Claro. Só me faça uma lista.”

“Essa é a parte mais simples.” Grace cruzou os braços e olhou para King. “Preciso saber onde o Vírus Espectral apareceu pela primeira vez. Em qual parte do país, qual estado, qual cidade, qual casa, qual cômodo da casa. Os mínimos detalhes. Homem ou mulher. Jovem ou velho. Raça e porte físico. Preciso que você encontre a primeira vítima da doença. E depois a segunda. Qual era sua relação com a primeira? As duas viviam na mesma casa? Dormiam na mesma cama? Ou era uma ligação menos próxima? Elas eram parentes? E depois preciso da quarta e da quinta vítima. Estou falando de um esquema seis graus de separação levado ao extremo. Preciso de dados suficientes para estabelecer um padrão e um ponto de origem.”

Sentindo-se sufocada pelo traje de proteção, Vash caminhou a passos rápidos até a porta. Grace a alcançou e digitou o código para liberar o acesso à antessala.

“O que você está pedindo envolve muito trabalho”, murmurou Vash, seguindo o exemplo de Grace e se posicionando sobre um círculo pintado no chão. Alguma coisa foi borrifada do encanamento logo acima, envolvendo seu traje em uma fina névoa.

“Eu sei.”

Havia dezenas de milhares de lacaios, mas sua incapacidade de tolerar a luz do sol limitava um bocado sua atuação. Os Caídos originais não tinham essa restrição, mas eram bem menos numerosos, não chegavam a duzentos. Um número insuficiente para fornecer o sangue que proporcionaria imunidade temporária a tantos lacaios, principal-

mente na quantidade necessária para executar uma busca como aquela em tão pouco tempo.

Enquanto removia seu traje, Vash fez movimentos circulares com os ombros e tentou pensar melhor. Os primeiros casos da doença apareceram na mesma época que o amor perdido de Adrian. Fazer um cronograma exato ajudaria a estabelecer se o líder dos Sentinelas tinha ou não alguma participação naquele caso. “Eu vou dar um jeito.”

“Eu sei que vai.” Grace se interrompeu enquanto prendia os cabelos loiros repicados para observar Vash. “Você ainda está de luto.”

Vash olhou para as calças e o colete de couro preto que vestia e encolheu os ombros. Mesmo depois de sessenta anos, a dor permanecia lá, para lembrá-la de que ainda era preciso vingar a morte brutal de Charron. Um dia ela ainda encontraria um licano que lhe forneceria as pistas de que precisava para caçar os assassinos de Char. Ela só esperava que isso não acontecesse quando os responsáveis já tivessem morrido, fosse em uma caçada ou pela idade avançada. Ao contrário de Sentinelas e vampiros, os licanos eram mortais e tinham prazo de validade.

“Vamos fazer a lista”, ela disse animada, pronta para dar início à tarefa monumental que tinha pela frente.

Syre assistiu ao vídeo até o fim, depois se pôs de pé com um movimento súbito. “O que você acha disso?”

Vash cruzou as pernas sob a mesa, sentada na cadeira. “Estamos fodidos. Não temos gente suficiente para resolver isso na velocidade com que a doença... o Vírus Espectral, como ela chamou... Com o vírus se espalhando dessa maneira, não temos recursos para deter sua ação.”

Ele passou as mãos nos cabelos escuros e espessos e soltou um palavrão. “Nós não podemos morrer desse jeito, Vashti. Não depois de passar por tudo o que passamos.”

O sofrimento do líder dos Caídos era tangível. De pé diante da janela que dava para a rua principal de Raceport, na Virgínia, uma cidade que ele tinha construído a partir do zero, Syre agia como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros. Não eram só os proble-

mas enfrentados pelos vampiros que o atormentavam. Ele ainda estava sofrendo pela perda da filha, cujo retorno esperou durante séculos. Syre ficou abalado demais com aquele infortúnio. Ninguém havia percebido ainda, mas Vash o conhecia bem demais. Alguma coisa tinha mudado dentro dele, alguma chave havia sido virada. Ele estava mais duro, menos flexível, e isso se refletia em suas decisões.

“Vou fazer o melhor que puder”, ela prometeu. “Todos nós vamos. Somos guerreiros, Syre. Ninguém aqui pretende desistir.”

Ele se virou para encará-la, com uma expressão furiosa a atormentar suas belas feições. “Recebi um telefonema interessante enquanto você estava com Grace.”

“Ah, é?” O tom de voz dele, além do brilho no olhar, fizeram com que ela se preocupasse. Ela sabia que aquele olhar só podia significar uma coisa: ele estava decidido, mas esperava enfrentar resistência.

“Os licanos se rebelaram.”

Vash sentiu um frio na espinha, o que sempre acontecia ao ouvir falar nos cães dos Sentinelas. “Como? Quando?”

“Na semana passada. Acho que a distração de Adrian com a minha filha proporcionou a eles uma oportunidade de se libertar.” Ele cruzou os braços, fazendo seus bíceps poderosos se flexionarem. O Sentinela só tinha se interessado por Lindsay Gibson porque ela era a mais recente encarnação de Shadoe, filha de Syre e amor da vida de Adrian. No fim, Lindsay acabou ganhando o coração de Adrian e o direito a comandar seu próprio corpo, deixando Syre arrasado pela perda da filha e Adrian um tanto perplexo e desorientado. “Os licanos vão precisar de nós se quiserem permanecer livres, e ao que parece nós precisamos deles tanto quanto.”

Ela se levantou. “Você não pode estar falando sério.”

“Eu entendo o que isso significa para você.”

“Ah, é? Isso é o mesmo que eu pedir para você trabalhar com Adrian, mesmo sabendo que ele é o responsável pela morte da sua filha. Ou então pedir para você se associar ao demônio que matou sua mulher.”

Ele respirou fundo, expandindo lentamente o peito. “Se o destino de todos os vampiros do mundo dependesse disso, eu não me recusaria.”

“Vai se foder, não tenta jogar esse sentimento de culpa em cima de mim.” Essas palavras saíram sem que ela se desse conta. Fosse como fosse sua relação com Syre, ele ainda era seu oficial superior. “Perdão, comandante.”

Ele a desculpou com um movimento impaciente com o pulso. “Você vai se redimir disso encontrando o licano Alfa e propondo uma aliança para ele.”

“Não existem licanos Alfa. Os Sentinelas fizeram questão de acabar com eles.”

“Sem um Alfa, essa rebelião nunca teria acontecido.”

Ela começou a andar de um lado para o outro, golpeando o chão de madeira com o salto. “Mande Raze ou Salem”, ela sugeriu, oferecendo seus dois melhores capitães. “Ou os dois.”

“Precisa ser você.”

“Por quê?”

“Porque você odeia os licanos, e o seu desprezo vai ser um bom disfarce para o nosso desespero.” Ele contornou a mesa, sentou-se de lado em uma das pontas e cruzou as pernas. “Eles não podem começar em vantagem. Vão ter que acreditar que precisam mais de nós do que nós deles. E você é minha tenente. Sua presença é um sinal de que estou falando sério ao propor uma aliança.”

A ideia de trabalhar ao lado dos licanos provocou tamanha ira dentro dela que fez sua visão ficar borrada. E se por acaso ela acabasse colaborando com os licanos que deixaram Charron em pedaços? E se salvasse a vida de um deles, imaginando se tratar de um aliado? Era uma hipótese tão absurda que revirou seu estômago. “Antes me dê um tempo para tentarmos resolver tudo sozinhos. Se eu não conseguir avançar em duas semanas, nós podemos reconsiderar.”

“Até lá Adrian já pode ter exterminado todos os licanos. É preciso agir agora, enquanto eles ainda não sabem o que fazer. Imagine a rapidez com que poderemos conduzir as investigações se tivermos ao nosso dispor milhares de licanos.”

Ela continuava a andar de um lado para outro pela sala a uma velocidade que deixaria qualquer mortal tonto. “Então me diga que o seu pedido não tem nada a ver com o ódio que sente por Adrian.”

Syre entortou a boca para o lado. “Você sabe que isso não é possível. Minha intenção é mesmo chutar Adrian enquanto ele está caído. Claro que sim. Mas isso não seria motivo para fazer esse pedido a você, sabendo o quanto iria lhe custar. Minha consideração por você é muito maior que isso.”

Vash se deteve e caminhou até ele. “Vou fazer isso porque é uma ordem sua, mas não irei desistir do meu intuito pessoal. Vou aproveitar a oportunidade para descobrir quem foram os responsáveis pela morte de Charron. Quando eu tiver essa informação em mãos, não responderei mais pelos meus atos. Se isso não é aceitável para você, eu cumpro a ordem de propor a aliança e depois desapareço no mundo.”

“Nada disso.” O tom grave de Syre era um alerta bem claro. “Você tem todo o meu apoio, Vashti. E sabe muito bem disso. Só que, neste momento, as necessidades da coletividade dos vampiros vêm em primeiro lugar.”

“Muito bem.”

Ele acenou com a cabeça. “A revolta começou na matilha do lago Navajo. Comece por Utah. Eles não devem ter ido muito longe.”